

## OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Fernanda de Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Karina Paula de Paiva Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo pretende discutir os desafios enfrentados por professoras no trato com a Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI) e direcionar o olhar para a importância da formação de professores de EF também se voltar para esse nível de ensino. Para tanto, a pesquisa apresenta natureza descritiva com abordagem qualitativa e parte das experiências vivenciadas por uma professora no seu primeiro ano de docência frente a turmas de creche e pré-escola e uma professora em formação no desenvolvimento do seu Estágio Supervisionado na EI, que vivenciaram a licenciatura em EF na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) concluindo em diferentes períodos (2015 e 2023, respectivamente). Nesse contexto, evidenciou-se nos relatos das professoras, a falta de preparo para lidar com a EF na EI, muitas vezes não apresentando respaldo teórico mínimo e tendo que aprender no desenvolvimento da própria prática. Percebe-se que as professoras, intermediadas por desafios que surgiram no contexto da atuação docente, buscaram nos referenciais teóricos e até em experiências anteriores à formação inicial, instrumentais básicos para responder as demandas que surgiam, seja com novos métodos, reorganização de conteúdo e inovações na sua prática. Observou-se também que o currículo da Universidade não oferece nenhuma disciplina específica que lide diretamente com a EI, embora tenha passado por uma reformulação recente. Tal fato pode justificar, de algum modo, os desafios enfrentados pelas docentes. Portanto, considerando que a EI, primeira etapa da educação básica, é um campo de atuação dos professores de EF, é fundamental que os currículos da formação inicial ofereçam aporte teórico/prático a fim de preencher as lacunas na formação e contribuir para formar docentes cada vez mais conscientes, que possam responder aos desafios da prática de maneira autônoma e se sintam preparados para atuar nos mais diferentes níveis de ensino.

**Palavras-chave:** Educação Física, Educação Infantil, Formação Inicial, Currículo, Desafios.

### INTRODUÇÃO: A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - NECESSIDADES CONTEMPORÂNEAS

A Educação Infantil (EI) como sendo a primeira etapa da educação básica conforme disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), atende crianças de 0 a 5 anos e é oferecida em creches, para crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas, para crianças de 4 a 5 anos. Assim, essas devem frequentar as instituições de ensino com vias a aquisição de conhecimentos e habilidades básicas para viver em sociedade (BRASIL, 1996). Nessa perspectiva, a referida lei também estabelece a Educação Física (EF) como componente

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte – SEEC/RN, Mestra em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, [nandamadrid5@hotmail.com](mailto:nandamadrid5@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [karinapaula@alu.uern.br](mailto:karinapaula@alu.uern.br).

curricular obrigatório que deve perpassar todas as etapas da educação básica, incluindo a EI. Vale ressaltar que a lei não é específica quanto a formação do professor para lecionar nessa etapa, o que abre espaço para muitas interpretações, já que essa etapa em específico fica sob a responsabilidade de um pedagogo.

Tomando por base essa realidade, há que se pensar nas novas exigências educacionais e nas necessidades da criança contemporânea. A criança é um ser que está em constante movimento e aprende através do brincar, e, nesse sentido, se desenvolve através dele. Cabe ao professor de EF, ancorado em um agir comunicativo, racional e crítico (KUNZ, 1994), mediar a descoberta e desbravamento desse novo mundo fornecendo diferentes possibilidades de aquisição da linguagem corporal através da cultura corporal de movimento por meio de uma diversidade de conteúdo e diferentes estratégias. Assim, como nos afirma Ayoub (2001, p. 56), “a educação física na educação infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem”, experimentando diversas possibilidades.

É fundamental, contudo, justificar a presença desse componente curricular nessa etapa da educação básica e romper com estereótipos relacionados a presença do professor de EF nesse contexto. Muitas vezes a EF tanto é vista como uma disciplina menos importante que pode contribuir para diminuir a evasão escolar, como também um meio para auxiliar na alfabetização dos alunos sendo muitas vezes enxergada como suporte de outras disciplinas, como também sendo um trampolim para atingir objetivos que na maioria das vezes não são seus. O professor, nessa perspectiva, é visto como um facilitador e um recreador.

De todo modo, é relevante apontar que:

O professor de Educação Física deve ser mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações na escola. No entanto, só se justifica a necessidade de um profissional dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças (SAYÃO, 2002 p.59).

Por tudo isso, é muito importante situar o professor e a EF nessa realidade e demarcar a sua presença como indispensável, que atua conscientemente e que possui objetivos específicos próprios. Com isso, o docente deve se perceber integrado na proposta pedagógica da escola e no coletivo, entendendo os objetivos da EI e contribuindo para a sua melhoria através de sua prática. Nesse embalo, cabe ao professor de EF, conforme afirma Dias (2015, p. 98) “identificar os conteúdos da educação física que são importantes para a faixa etária da criança do ensino

infantil e da creche [...]” e ter conhecimentos específicos sobre as fases de desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos.

A Base Nacional Comum Curricular da EI (2017) propõe cinco campos de experiências que indicam ser as experiências fundamentais para contemplar o desenvolvimento dos pequenos: o eu, o nós, o outro; corpo, gesto e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Assim, é perceptível como na EI deve-se propor vivências para que a criança possa experimentar o mundo a partir de múltiplas possibilidades e desenvolva os aspectos cognitivos, afetivos, sensoriais, motores e sociais.

O próprio documento aponta que a aprendizagem e o movimento devem ser mediados por interações e brincadeiras (BRASIL, 2017). Assim, é perceptível como o brincar intermedia toda essa etapa e a EF, com propostas pedagógicas adequadas, poderá contribuir e muito para o desenvolvimento infantil e para a qualidade da EI. Com isso, o contato com diversos elementos que compõem a cultura corporal do movimento, como o jogo, a luta, a dança, a ginástica, as práticas corporais de aventura, são essenciais para a aquisição de habilidades básicas que servirão para toda a vida da criança.

Por isso é importante desde cedo que a formação inicial também contemple essa realidade. Uma lacuna que se apresenta na atuação dos professores nessa etapa de ensino, diz respeito a formação inicial em EF para atuarem na EI, apesar de estudos considerarem que há avanços nessa formação (FARIAS *et al*, 2019). Mas será que os currículos das universidades têm abrangido seu olhar para tal etapa de ensino? A formação tem possibilitado embasamento teórico e prática para atuação? São questões pertinentes, porém que não pretendemos aqui respondê-las, mas abrir espaço para diferentes reflexões que podem ser exploradas a posteriori.

Diante dessa problemática, tomamos como pergunta de partida: como os professores tem enfrentados os desafios da atuação na educação física infantil (EFI), frente a limitação da formação recebida na Universidade? A fim de respondermos a esse questionamento, o nosso estudo tem como objetivos discutir os desafios enfrentados por professoras (em formação e iniciantes) para o trato com a EFI e direcionar o olhar para a importância da formação de professores de EF voltada para essa etapa da educação básica.

## **METODOLOGIA**

Convém ressaltar que esse trabalho é fruto de experiências desenvolvidas na docência em EFI por professoras que cursaram a Licenciatura em Educação Física na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em anos diferentes, sendo a primeira com conclusão

para 2023 e a segunda pesquisadora tendo concluído o curso em 2015. Mesmo tendo alguns anos de diferença entre os períodos das formações e o currículo da Universidade ter passado por reformulações, os relatos das autoras se cruzam em muitos sentidos, por isso a importância desse estudo, para darmos luz a lacunas na formação que não foram/são preenchidas ao longo dos anos. Os textos foram organizados na forma de relato de experiência: o primeiro relato consta da experiência no estágio supervisionado na EI da professora em formação; e o segundo relato discute a experiência da segunda professora no seu primeiro ano de docência com turmas de creche e pré-escola.

Certamente, é válido ressaltar que a importância de estudos que envolvem narrar uma experiência é de algum modo resignificá-la e que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). “O seu registro por meio da escrita é uma relevante possibilidade para que a sociedade acesse e compreenda questões acerca de vários assuntos” (MUSSI, FLORES e ALMEIDA, 2021, p. 63), o que fomenta a formação e desenvolvimento profissional docente enquanto ser investigador e contribui para o meio social em que vive e para a disseminação do conhecimento.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO**

Um dos momentos mais esperados e mais temidos pelos discentes dos cursos de graduação é o momento da prática do estágio supervisionado no âmbito escola. O estágio supervisionado torna-se imprescindível no processo de formação docente, pois oferece condições aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor (PIMENTA, 1997). Para Perini e Bracht (2016, p. 957) é fundamental “compreendemos esse espaço como uma oportunidade efetiva de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento docente”.

Estar no espaço escolar da EI em si já é um desafio para o futuro professor de EF, tendo em vista que a maior parte das escolas que contam com a EI, tem o corpo docente constituído apenas por pedagogos (as), não havendo espaço para o profissional citado.

Não somente ligado ao fato dos questionamentos da presença dos profissionais de EF nesse espaço, o currículo da escola parece não levar em consideração a importância das atividades realizadas pelos professores dessa área nessa etapa da educação básica. Daí a importância de os professores de EF construírem diálogos entre as especificidades da sua

formação docente com as demandas curriculares próprias da EI, encabeçando esse debate sobre como a EF é e deve ser desenvolvida na escola (SILVEIRA, 2015).

Podemos destacar, de acordo com a experiência no estágio, alguns pontos desafiadores para a realização das aulas de EF com as crianças. O primeiro direciona para o currículo da Universidade que não conta com nenhuma disciplina específica que oriente a prática pedagógica na EI. Inclusive há relatos na literatura acerca das lacunas na formação inicial, com relação a oferta de uma disciplina específica para problematizar a EI. (PERINI; BRACHT, 2016). O segundo desafio foi planejar atividades que seguissem de acordo com o planejamento das professoras regentes sem perder a especificidade da área. Diante disso, tornou-se necessário que buscássemos novas formas para realizar as atividades, já que não tínhamos tanta autonomia para mediar nosso próprio planejamento.

Para isso, buscamos compreender e estudar os materiais que tratavam da EI como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) que trata de maneira geral a função da EI na vida da criança no espaço escolar e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com foco na etapa que trata da EI e os cinco campos de experiência no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 1998, 2018).

Para nossa surpresa, o planejamento das professoras regentes juntamente com a coordenação era pautado principalmente em “semanas temáticas” onde era definido um tema por semana no qual todas as professoras da escola deveriam realizar o mesmo conteúdo em suas salas de aula, como por exemplo: “semana da natureza”, “semana das fábulas”, “semana dos números”. E a partir disso, realizávamos o nosso planejamento dependendo do tema que fosse discutido na semana, como por exemplo quando o conteúdo a ser trabalhado eram as fábulas, realizávamos a leitura do conto e depois fazíamos a parte prática no pátio alinhado às sessões temáticas trabalhadas. O grande entrave estava em alinhar os conteúdos da EF às essas sessões temáticas, dificultado por não termos embasamento teórico suficiente para mediar tais conflitos.

Desse modo, os encontros com as crianças aconteciam semanalmente de acordo com a agenda planejada anteriormente e as aulas aconteciam na sala de aula e no pátio da escola, ambos os espaços pequenos, o que dificultava por vezes a realização das atividades programadas, tendo em vista que o pátio da escola também era utilizado pelas outras professoras da instituição para realização das suas atividades. As aulas tinham duração média de 30 minutos, tempo estimado pela coordenação para as aulas de EF. A experiência durou todo o estágio supervisionado, realizado no ano de 2022 com duração de 7 semanas, contando com horas de observação, planejamento e intervenção.

Um exemplo de como aconteciam essas aulas alinhadas a essas sessões temáticas podem ser citadas quando o conteúdo a ser trabalhado foram as fábulas. Nesta aula em específico, realizamos a leitura do conto e depois fazíamos a parte prática no pátio como foi o caso da fábula “o rato do campo e o rato da cidade” e após a leitura, conduzimos as crianças para o pátio onde as mesmas realizariam um espécie de tiro ao alvo fazendo alusão aos esportes de precisão, onde as crianças acertariam as bolinhas no alvo nos locais indicados com as imagens do “rato do campo” e do “rato da cidade”. Percebemos que a cada aula, as nossas experiências se ampliavam, mas também nossas limitações, já que a cada novo encontro novos desafios se impunham.

Como citado anteriormente, a estrutura física da escola deixava a desejar quando se tratava dos espaços para a realização das aulas, tendo em vista que as turmas tinham uma quantidade significativa de alunos. No qual ambas as salas de aula com faixa etária de 3 e 4 anos de idade tinham em média 20 alunos. Dessa maneira algumas adequações nas dinâmicas das aulas eram necessárias, como por exemplo: em atividades que necessitavam da participação coletiva das crianças, indicávamos que cada criança realizasse a atividade de forma individual e em sequência, objetivando uma maior organização das crianças e aproveitamento do espaço.

Um outro fator de dificuldade encontrado foi a de participação efetiva das crianças nas atividades propostas, algumas crianças se recusavam a sair da sala de aula quando as atividades eram realizadas no pátio, isso provavelmente ocorreu devido a rotina dessas crianças e todo o seu contexto escolar, como podemos perceber através da observação das aulas das professoras regentes. As crianças não tinham o costume de sair da sala, exceto em um único dia da semana no qual as professoras levavam as crianças para a parte de trás da instituição para um momento que elas chamavam de “parque” na cama elástica da própria escola. Esse fator citado, causava algumas distrações nas crianças, pois quando conduzíamos as mesmas para o pátio elas ficavam dispersas e agitadas, pois relacionavam a saída da sala de aula para ida ao “parque”.

Diante dos impasses mencionados e das dificuldades encontradas, o desejo de conseguir planejar e alcançar uma maior participação das crianças crescia, dessa forma as aulas seguiam de acordo com os temas propostos pela instituição, porém em alguns momentos conseguíamos sair um pouco do proposto pela escola, como por exemplo na “semana do folclore” conseguimos sair um pouco das lendas tão recorrentes nessa temática e partimos para os jogos e brincadeiras populares que são tão importantes para o desenvolvimento dos pequenos e para o resgate da cultura das nossas crianças como por exemplo o jogo “batata que passa, passa”.

Nessa perspectiva, como não há uma tradição que contemple a EF na EI há visivelmente um “encaixe” ou “adaptação” às atividades trabalhadas por outros grupos curriculares no currículo da EI.

Foi perceptível, também, a visão reducionista da equipe pedagógica da escola com relação a EF, como também o pouco tato da professora regente para se enquadrar como professora supervisora de estágio, o que dificultou a reflexão coletiva sobre as problemáticas da escola e dos alunos. Assim, nós na condição de professores em formação, pudemos partilhar de sentimentos da docência, muitas vezes impostos a própria área, como também compreender, em meio a experiência partilhada, como a EI é um campo que merece ser explorado na formação inicial em EF.

### **3.2 DILEMAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL**

Os professores em início de carreira enfrentam diversas demandas, quer sejam emocionais, físicas e profissionais. O modo como viveram o período da formação interfere diretamente na organização de suas práticas, embora o ambiente escolar e sua organização sejam fatores fundamentais para o direcionamento do professor. Assim, o universo que o docente encontra ao chegar na escola, recém formado, é essencial para sua constituição identitária. Nesse sentido, o primeiro ano de docência é recheado de desafios, medos, incertezas e reinvenções a partir das possibilidades e limitações que a formação e as demais experiências o trouxeram.

É nessa perspectiva que se situa o primeiro relato. A professora em questão, alimentada pelo desejo de um fazer docente comprometido e alicerçado nas teorias estudadas na graduação, tem seu primeiro contato como docente da educação básica, por meio de concurso público, na cidade de Macau/RN, sendo direcionada para atuar com turmas de creche e pré-escola. Eis o desafio: como atuar na EFI se as vivências na graduação foram limitadas para essa realidade de ensino? Por onde começar? Como se colocar perante crianças tão pequenas? Quais devem ser os objetivos de ensino? Perguntas como essas preencheram todos os espaços de quem se depara a primeira vez com uma sala de aula sob sua responsabilidade.

Algumas estratégias foram adotadas pela docente a fim de ir vencendo os desafios diários. O primeiro passo foi entender a responsabilidade da EF no tocante a EI. O segundo passo foi conhecer a realidade de atuação, as características das crianças e o espaço da escola. O terceiro foi entender que era necessário ir além da pura recreação e da observação das brincadeiras dos alunos e atuar de forma direcionada e consciente e coletiva (com os demais



professores) com objetivos institucionais estabelecidos. Para esse último aspecto é fundamental, segundo Sayão (2002, p. 59), entender que “a necessidade de um/a professor/a dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição”, de modo que o trabalho dos professores esteja interligado e com foco no desenvolvimento da criança

Entretanto, até chegar a esse enquadramento de análise das situações para tomar decisões frente aos desafios a professora se viu muitas vezes limitada, sem conseguir afirmar o seu espaço na escola, levando em conta a pouca vivência em sala de aula, a falta de experiência e tato com crianças e o entendimento, agora, como docente em exercício demoraram muito para chegar, como também o relacionamento coletivo. Conforme Farias *et al* (2019, p. 02) “os(as) professores(as) de EF têm aprendido a atuar na EI no dia a dia da prática pedagógica. Outro desafio está em entender as crianças da EI como seres sociais e históricos, que sentem, pensam e aprendem com o mundo de uma forma muito própria.” Isso demandou da professora e ainda demanda estudos contínuos, método de tentativas e erros, conversas com professores mais experientes, cursos práticos e experimentação de novas ideias.

A experiência se estendeu por 8 meses até que a docente conseguiu um outro emprego mais próximo de sua residência. Vale ressaltar que as turmas de creche e pré-escola tinham na sua rotina o horário definido para as aulas de educação física, o que totalizava 40 minutos em cada turma, uma vez por semana. A escola dispunha de dois pátios, um com poucos brinquedos para os alunos da creche e outro, com muitos brinquedos, para os alunos da pré-escola. As informações (brinquedos, bancos, cadeiras) dispostas no pátio, dificultavam a organização da turma e a efetivação da aula, de modo que por vezes as crianças se dispersavam para explorar esses espaços. O número de crianças por turma também era um fator negativo, principalmente na pré-escola.

O planejamento acontecia semanalmente e a professora tinha muita liberdade em explorar os diversos tipos de conteúdo, sempre utilizando do lúdico e da imaginação para que a aula pudesse fluir melhor. A aula era dividida em alguns momentos. Inicialmente, acontecia uma roda de conversa com todos os alunos para explicar-lhes todas as atividades propostas naquela aula, depois o desenvolvimento da atividade em si que muitas vezes se dava em forma de circuito, finalizando novamente com uma roda de conversa para ouvir as crianças sobre a aula. Os 5 minutos finais eram destinados a brincadeiras no parquinho e posterior organização para voltar a sala de aula. Geralmente, era um mesmo planejamento para as turmas da pré-escola, o que mudava era apenas o nível de dificuldade de cada atividade.



Após cada aula a docente fazia uma análise do que funcionou e do que não funcionava para ir melhorando suas estratégias de ensino. Percebeu que negociar com as crianças, da pré-escola, poderia ser uma ótima ferramenta para que elas conseguissem participar das atividades e também explorar o parquinho que elas tanto gostavam. Outra alternativa foi a diversificação de conteúdo: jogos e brincadeiras; atividades rítmico-expressivas; ginástica e lutas foram utilizadas nas aulas.

Era notório como as crianças se sentiam completas naquele espaço da aula. Era como se aula de EF funcionasse como um momento de libertação. A aula era carregada de afetividade, onde aos poucos a professora foi compreendendo que a relação dialética entre e corpo e movimento intermediada pelo brincar podia fazer as crianças se desenvolver, aprender, socializar, lidar com conflitos e conviver com as diferenças, perceber os limites do próprio corpo, expressar sentimentos, interagir e explorar o espaço por meio das experiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito caminho precisa ainda ser percorrido a fim de que os professores se sintam ao menos encorajados a atuarem EI. De todo modo, a partir dos relatos, torna-se evidente que os desafios enfrentados pelas professoras em diferentes momentos dizem respeito a um ponto em comum: a pouca fundamentação teórica recebida na formação inicial que discuta a prática pedagógica na educação física infantil. Percebe-se que as professoras, intermediadas por desafios que surgem no contexto de suas práticas, buscam nos referenciais teóricos e até em experiências anteriores à formação inicial, instrumentais básicos para responder a essas demandas, seja com novos métodos, reorganização de conteúdo e inovações na sua prática. É o que se chama de aprender na própria experiência.

Portanto, considerando que a EI, primeira etapa da educação básica, é um campo de atuação dos professores de EF, é fundamental que os currículos da formação inicial ofereçam aporte teórico/prático a fim de preencher as lacunas na formação e contribuir para formar docentes cada vez mais conscientes, que possam responder aos desafios da prática de maneira autônoma e se sintam preparados para atuar nos mais diferentes níveis de ensino.

## REFERÊNCIAS

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139594>. Acesso em 29 marc. 2023.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

DIAS, M. A. **Educação Física Infantil**. Natal: EDUFRRN, 2015.

FARIAS, U. S. *et al.* Análise da produção do conhecimento sobre a Educação Física na educação infantil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/mov/a/LYRhjHYCV76C7Qk7vzDK8BK/?lang=pt>. Acesso: 15 marc. 2023.

KUNZ, E. (Org.). **Didática da educação física II**. Ijuí: Unijuí, 2002.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt#> Acesso em 05 nov. 2023.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. P. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educativa**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, 2021. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060). Acesso em 16 marc. 2023.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PERINI, R.; BRACHT, V. Os saberes docentes dos professores de educação física na educação infantil de Serra/ES. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 4, 28 dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/41753/pdf>. Acesso em: 06/04/2023.

SAYÃO, D. T. Grupo de estudos em Educação Física na Educação Infantil: alguns aspectos do trabalho pedagógico. **Revista Motrivivência**, Florianópolis/SC, n. 17, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5934>. Acesso em 15 marc. 2023.

SAYÃO, D.T. Infância, Prática de Ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Org.). **Educação do Corpo e Formação de Professores: Reflexão sobre a prática de ensino de Educação Física**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

SILVEIRA, J. Reflexões sobre a presença da Educação Física na primeira etapa da educação básica. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 13-27, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p13/30191>. Acesso em: 06/04/2023.